

ACHEGAS PARA UMA ANÁLISE LEXICOGRÁFICA: o termo “signo linguístico” em dicionários gerais de língua

Daniela de Souza Silva COSTA¹

RESUMO

Tendo em vista que o léxico é patrimônio cultural de uma sociedade e que as obras que o documentam têm importância para além dos estudos linguísticos, os repertórios lexicográficos revelam o viver e o pensar de um dado grupo social a partir do registro lexical que promovem, além de refletir o conhecimento dessa sociedade acerca também da realidade técnico-científica que a cerca. Sendo assim, com o objetivo de verificar a aplicação de conceitos de Lexicografia na produção de dicionários, este trabalho cotejou as acepções de **signo linguístico** nas obras de Houaiss (2001), Ferreira (2004), Aulete (2006) e Michaelis (2007) e revelou que as obras lexicográficas em questão abordam o tema tratado sob diferentes perspectivas, confirmando a importância dos estudos em Lexicografia para o aprimoramento do fazer lexicográfico.

Palavras-chave: Dicionários gerais de língua. Signo linguístico. Fazer lexicográfico.

1 INTRODUÇÃO

O homem relaciona-se com seus iguais, com o ambiente em que se insere e também com outras comunidades, transmitindo conhecimentos, ideias, tradições e também reconhecendo e estruturando seu mundo por meio das designações que atribui a todas as entidades em redor.

E o instrumento de que se vale para essa atitude interativa é a língua, veículo utilizado para comunicar-se, perpetuar-se e fazer-se entender pelos demais, sendo o nível linguístico mais atuante no processo de comunicação e de nomeação do ambiente o léxico de uma língua natural, “[...] que pode ser identificado como o patrimônio vocabular de uma dada comunidade linguística ao longo de sua história” (BIDERMAN, 2001, p. 12).

Isso porque o léxico inclui:

[...] a nomenclatura de todos os conceitos lingüísticos e não lingüísticos e de todos os referentes do mundo físico e do universo cultural, criado por todas as criaturas humanas atuais e do passado. Por isso, o léxico é o menos lingüístico de todos os domínios da linguagem. Na verdade, é uma parte do idioma que se

¹ Doutoranda pela Universidade Estadual de Londrina (PG/UEL). Mestre em Estudos de Linguagens. Professora Assistente da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Campus de Aquidauana (CPAQ). **E-mail:** danielassilva@hotmail.com

situa entre o lingüístico e o extralingüístico (BIDERMAN, 1981, p. 138).

Nesse sentido, além de ser esse repertório vocabular de uma dada comunidade, o nível lexical da língua também traz consigo aspectos culturais, sociais, geográficos e econômicos do grupo que o utiliza, exatamente por promover essa relação entre o homem e seu ambiente, entre as feições linguísticas e extralinguísticas da realidade. Por conta disso, o registro do léxico é também a documentação da própria sociedade em determinado tempo e espaço, evidenciando marcas e características do modo de viver e de pensar dessa sociedade.

Sob essa perspectiva, a Lexicografia, sumariamente conhecida também como a ciência dos dicionários, tem um papel social em sua gênese, uma vez que, além de permitir que as coletividades linguísticas “[...] tenham à disposição o registro do léxico de uma língua, numa correspondência com os significados que o recobrem” (KRIEGER, 2006, p. 142), também revelam o “caráter social” do signo linguístico, “[...] como um fenômeno distinguido pela sociedade entre as múltiplas ações que se orientam para o entendimento intersubjetivo; como um verdadeiro gênero da significação” (LARA, 1996, p. 102).

Contudo, a atividade lexicográfica não se restringe apenas à elaboração de dicionários, mas deve ser vista sob uma perspectiva dual:

(i) como técnica de montagem de dicionários, [que] ocupa-se de critérios para seleção de nomenclaturas ou conjunto de entradas, de sistemas definitórios, de estruturas de verbetes, de critérios para remissões, para registros de variantes, etc.; (ii) como teoria, [que] procura estabelecer um conjunto de princípios que permitam descrever o léxico (total ou parcial) de uma língua, desenvolvendo uma metalinguagem para manipular e apresentar as informações pertinentes (BORBA, 2003, p. 15).

Dessarte, para além da compilação de dicionários, a linha prática da Lexicografia, tem-se ainda a Lexicografia Teórica ou Metalexigrafia, que congrega o segundo item mencionado por Borba (2003).

Documentando, pois, o repertório lexical em uso por uma dada comunidade linguística, a obra lexicográfica contempla ainda termos de áreas específicas do conhecimento, por vezes já incorporados ao léxico geral, como, por exemplo, expressões da área médica (raio-x), da botânica (angiosperma), entre outras, haja vista fazerem parte da realidade da sociedade em diversos momentos de sua vida.

Frente ao exposto, este trabalho foi desenvolvido com o objetivo de analisar um termo técnico dicionarizado (signo linguístico) em quatro obras lexicográficas de referência no Brasil: Houaiss (2001), Ferreira (2004), Aulete (2007) e Michaelis (2007), utilizando como aporte teórico princípios da Lexicografia e buscando compreender como os inventários lexicográficos comportam-se na apresentação dos verbetes ao termo relacionados, bem como se tais princípios aqui tratados evidenciam-se nesses artigos lexicográficos.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Considerando-se que “[...] a geração do léxico se processou e se processa através de atos sucessivos de cognição da realidade e de categorização da experiência, cristalizada em signos linguísticos: as palavras” (BIDERMAN, 2001, p. 11), “[...] mais que um livro de consulta, que apresenta informações em ordem alfabética, o dicionário é um ponto de referência entre a língua e a ciência e também entre a língua e a cultura, pois tem como objeto de seu discurso ‘o que se diz da língua e da cultura’” (ANDRADE, 2000).

Dessa forma, a Lexicografia insere-se no campo das ciências que transitam entre língua e sociedade, e cujo estudo contribui para o conhecimento não apenas da norma linguística em uso por um determinado grupo social, mas também de hábitos e questões sociais que envolvem esse mesmo grupo, além de ter seus resultados verificados e aplicados à realidade em que se insere. Nesse sentido, filia-se, pois, à Linguística Aplicada, tendo em vista que “[...] *la finalidad resolutive inherente a este dominio de las ciencias del lenguaje impone que el conocimiento trascienda y modifique la realidad objeto de la investigación*”² (AZORÍN FERNÁNDEZ, 2003, p. 37), o que se aplica à Lexicografia, haja vista que seus estudos contribuem para o aprimoramento do fazer lexicográfico, bem como para um melhor entendimento dos dicionários como objeto de estudo, no caso da Metalexigrafia.

Então, a obra lexicográfica passa também a ter sua importância estendida para além de consultas linguísticas, como acepções de determinadas palavras, sua pronúncia, classificação, uso etc., compreendendo também o registro de padrões sociais e históricos

² “[...] a finalidade resolutive inerente a este domínio das ciências da linguagem impõe que o conhecimento transcenda e modifique a realidade objeto da investigação” (AZORÍN FERNÁNDEZ, 2003, p. 37, tradução nossa).

em seu seio e sendo fonte para seu próprio estudo e desenvolvimento.

O dicionário, assim, pode ser visto sob duas óticas, a do consulente e a do estudioso. Na primeira, “[...] sua principal missão será auxiliar os falantes nativos de uma língua com suas dificuldades de ortografia, de categorização e gramatical de palavras, além de prestar esclarecimentos sobre o significado e o uso de uma palavra pouco utilizada” (BEVILACQUA; FINATTO, 2006, p. 44).

Já no caso do estudioso, dependendo de sua área de pesquisa, também a visão em relação à obra lexicográfica pode ser alterada. No caso de professores de língua, por exemplo, torna-se um instrumento para o ensino e a aprendizagem; no caso da Linguística Histórica, registrando a norma vigente em determinado período, pode ser fonte de estudos e assim por diante.

No caso deste trabalho, iremos considerar o dicionário no que ele se refere a um termo³ específico da Linguística. Para isso, analisaremos repertórios lexicais gerais de língua que contemplem o termo pesquisado, **signo linguístico**, e as acepções a ele atribuídas, bem como as demais informações presentes no verbete.

A seleção desse tipo de inventário em detrimento de outros se deu pelo fato de “[...] muchos diccionarios, aunque no sean integrales o exhaustivos, recogen un porcentaje tan elevado y, al mismo tiempo, una selección tan representativa del vocabulario más usual de una lengua, que se llaman con razón ‘diccionarios generales’”⁴ (HAENSCH, 1982, p. 137), o que justifica a presença de termos técnicos de áreas específicas em dicionários gerais. A tipologia de dicionários é uma linha de estudos da Metalexigrafia que agrupa as obras lexicográficas de acordo com suas características principais; por exemplo, quanto ao alcance ou extensão do léxico retratado, quanto à natureza das informações ou quanto à natureza da língua, dentre outros.

Todavia, mesmo como o lexicógrafo alemão já alertara, tais obras recobrem um percentual elevado de realizações da língua em uso, a depender também das fontes empregadas para a seleção de sua nomenclatura, mas não esgotam o repertório lexical em uso de determinado idioma, tendo em vista que, como a língua é dinâmica, dadas também

³ A palavra **termo** é tomada de empréstimo da Terminologia e, para a diferenciarmos mesmo de palavra ou lexia, devemos ter em mente que “[...] a propriedade básica que distingue termos e palavras [...] está fundamentada no papel da dimensão conceitual do signo linguístico que responde, neste caso, pelo denominado conteúdo especializado” (KRIEGER; FINATTO, 2004, p. 76).

⁴ “[...] muitos dicionários, ainda que não sejam integrais ou exhaustivos, recobrem uma porcentagem tão alta e, ao mesmo tempo, uma seleção tão representativa do vocabulário mais usual de uma língua, que se chamam com razão ‘dicionários gerais’” (HAENSCH, 1982, p. 137, tradução nossa).

as influências extralinguísticas que sofre, uma obra lexicográfica não daria conta de descrever todas as palavras em uso por todos os falantes. Ilustrando essa afirmação, Keller esclarece que, “[...] se um aluno possui um vocabulário de 5.000 palavras, ele conhecerá apenas 5,77% do total de lexemas da língua, mas essas 5.000 palavras constituirão 89% do vocabulário de qualquer texto” (KELLER, 1975 apud BIDERMAN, 1984, p. 18). Isso não significa, então, que esse usuário teria um vocabulário insuficiente, como Biderman (1984) mesma afirma. Assim também são os dicionários de língua geral, que “[...] cobrem a totalidade da língua tendo por base o critério da frequência de uso da palavra ou da expressão” (KRIEGER, 2006, p. 144).

Dessa forma, as obras lexicográficas, especialmente as gerais, trazem em sua estrutura também termos técnicos, uma vez que estes, por diversas vezes, podem já estar incorporados ao léxico geral.

Além da tipologia de dicionários, dentre vários outros temas, a Metalexigrafia estuda os inventários lexicográficos em suas partes: a macroestrutura e a microestrutura. De acordo com Rey-Debove (1971), a macroestrutura congrega a nomenclatura ou o conjunto de entradas da obra, e a microestrutura, as definições e as demais informações dos verbetes. Contudo, há outras correntes teóricas que defendem que a macroestrutura inseriria também as informações pré-textuais (HAENSCH, 1982). Discordam desses teóricos Hausemann e Wiegand (1989) e Werner (1997), dentre outros, para quem, na verdade, o dicionário contaria com 5 partes: hiperestrutura (parte pré-textual, guias de usos e apêndices); macroestrutura (entradas); microestrutura (definições); iconoestrutura (imagens e ilustrações que acompanham as definições) e as estruturas de acesso (índices) (MEDINA GUERRA, 2003).

Nota-se que os teóricos apresentados concordam com a noção de microestrutura como a parte da obra dicionarística que apresenta as definições em verbetes ou artigos lexicográficos, além de seus demais constituintes. Assim, este trabalho analisa a microestrutura do artigo lexicográfico **signo linguístico** em quatro dicionários gerais de língua portuguesa: Houaiss (2001), Ferreira (2004), Aulete (2006) e Michaelis (2007). O critério que norteia esta análise é o de microestrutura proposto por Vilela (1983), que, além da estrutura básica de artigo + enunciado, propõe que o verbeito possua “entrada + informação (etimológica/ortográfica/fonética/gramatical) + definição (ou explicação) + exemplos (ou aplicação em contextos)” (ANDRADE, 2000).

Essas informações do enunciado lexicográfico estão estruturadas, segundo o

mesmo autor (VILELA, 1983 apud ANDRADE, 2000), em macroparadigmas, que congregam os dados presentes no verbete conforme se vê no Quadro 1, a seguir:

Quadro 1 – Estrutura dos paradigmas de um verbete segundo Andrade (2000)

Paradigma	Constituintes
Informacional	Abreviaturas, categoria gramatical, gênero, número, pronúncia, conjugação, homônimos, campos léxico-semânticos etc.
Definicional	Semas e unidades de significação
Pragmático	Informações contextuais: exemplos, abonações etc.

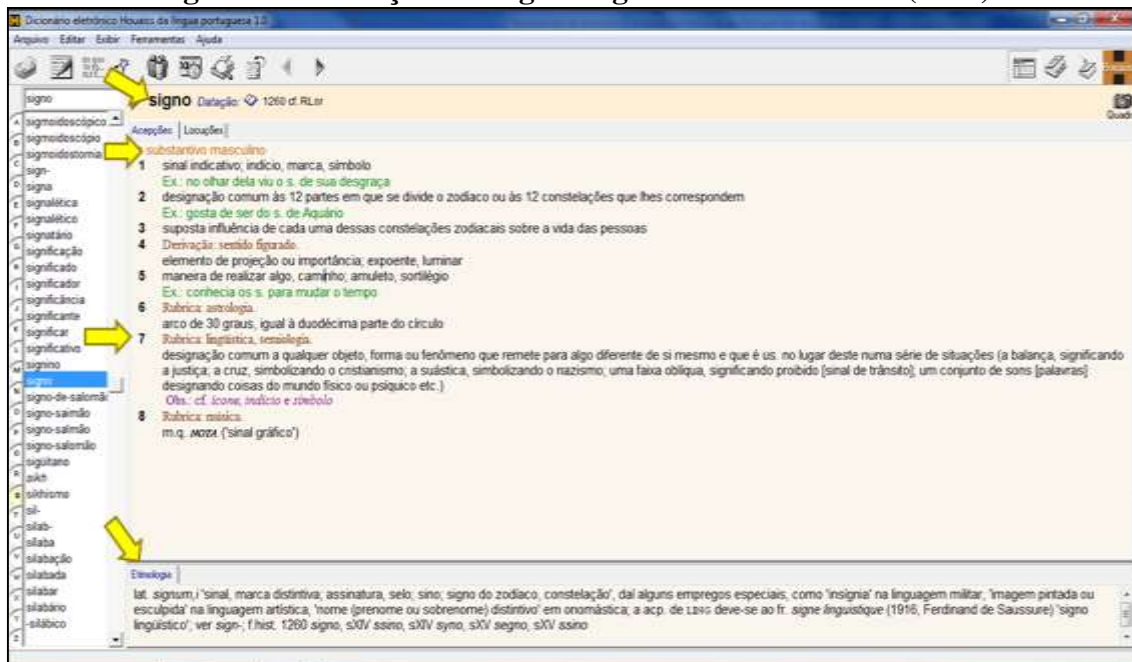
Fonte: ELABORADO PELA AUTORA, 2016.

3 ANÁLISE DOS DADOS

Nas quatro obras lexicográficas, o termo em questão, **signo linguístico**, foi encontrado dicionarizado. Como foram consultadas as versões digitais de todos os dicionários, optamos por fazer uma apresentação também visual dos dados.

Sendo assim, apresentamos a seguir as telas que contemplam, em Houaiss (2001), Ferreira (2004), Aulete (2006) e Michaelis (2007), a lexia em pauta.

Figura 1 – Definição de “signo linguístico” em Houaiss (2001)



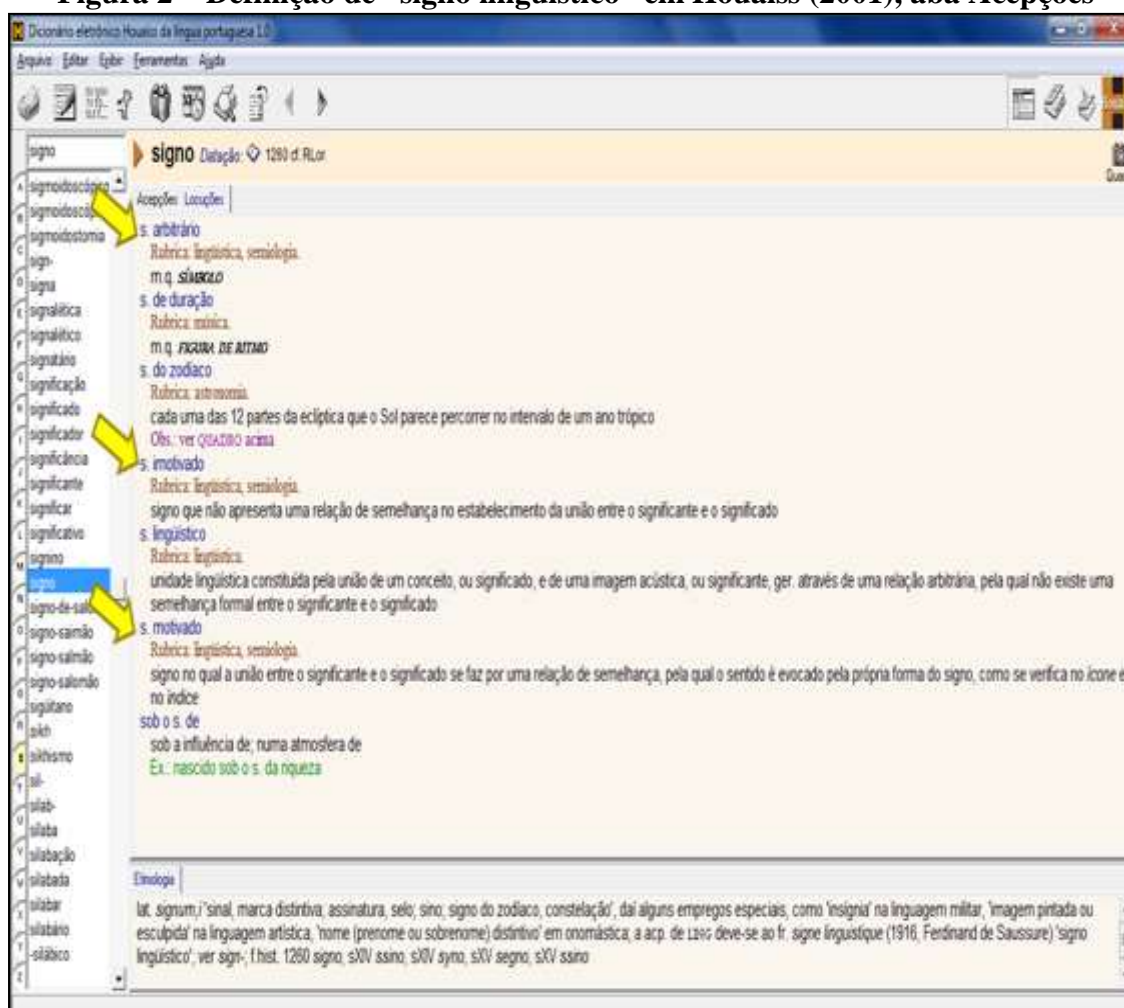
Fonte: HOUAISS, 2001 [versão digital].

A partir da análise da Figura 1, é possível notar que há, em **signo** (HOUAISS,

2001), todos os paradigmas propostos por Vilela (1983): paradigma informacional, representado inclusive pela cor vermelha; o paradigma definicional, em preto; e o paradigma pragmático, apresentado em verde e roxo. Todavia, na rubrica Linguística, objeto deste estudo, vê-se que há uma não distinção entre o signo linguístico e o semiológico, o que vem a ensombrar o real significado do termo.

Esse aparente problema é resolvido apenas na segunda aba do dicionário, recurso não comum a todos os verbetes, **Locuções**, em que, sendo considerado uma locução substantiva, **signo linguístico** tem sua acepção mais aproximada do termo na área em questão:

Figura 2 – Definição de “signo linguístico” em Houaiss (2001), aba Acepções

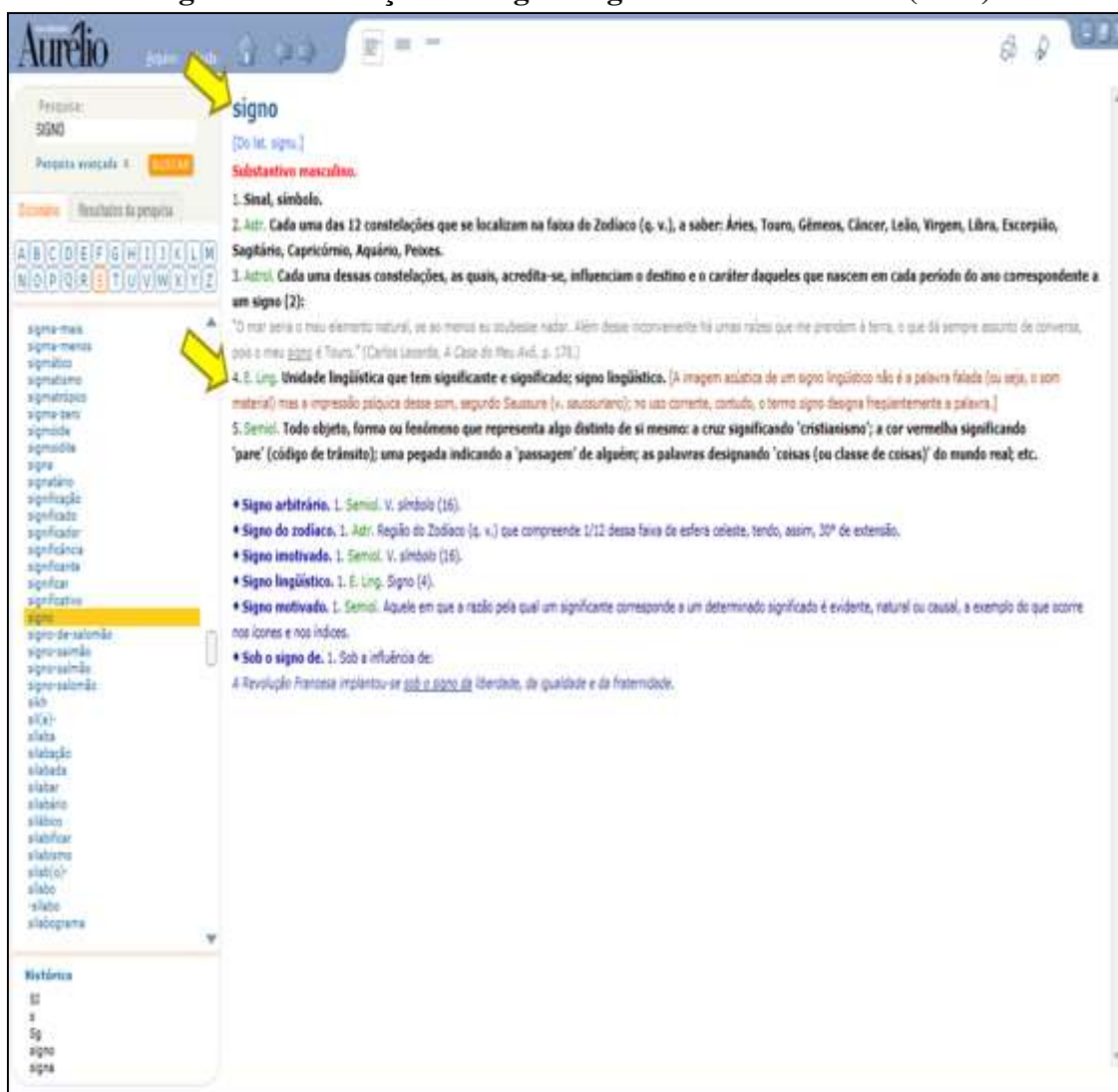


Fonte: HOUAISS, 2001 [versão digital].

Já em Ferreira (2004), encontra-se a acepção do termo de acordo com o determinado pela área e também com o princípio da invariância conceitual da

Terminologia⁵, uma vez que “[...] a ideia de invariância conceitual das terminologias está, por sua vez, associada às características funcionais de **monossemia**, de **monorreferencialidade** e **exclusividade denominativa**” (KRIEGER; FINATTO, 2004, p. 77, grifo nosso). Esse quadro pode ser visualizado na Figura 3, a seguir:

Figura 3 – Definição de “signo linguístico” em Ferreira (2004)



Fonte: FERREIRA, 2004 [versão digital].

Contudo, o lexicógrafo incorre em outro problema, previsto também pela Lexicografia, a definição circular, um tipo especial de falta de clareza, haja vista que se utiliza de itens lexicais para a definição sem, contudo, contemplá-los em sua obra,

⁵ “A Terminologia toma o léxico especializado ou temático, que é composto pelos termos técnico-científicos, como seu objeto principal de estudos e de aplicações” (KRIEGER, 2011, p. 443).

ocasionando ainda as pistas perdidas ao usuário. O que significa dizer que, ou o consulente conhece previamente os significados de **significante** e **significado**, em Linguística, ou a definição será deficiente, não útil.

O terceiro repertório lexical consultado foi a produção luso-brasileira Aulete (2006). Nela, vê-se uma definição semelhante àquela da obra anterior, mas com a inclusão dos termos utilizados na definição no interior da obra, situação que corrige o problema da definição circular e a caracteriza, dentre as analisadas, como a que mais fornece subsídios para o entendimento da unidade léxica em estudo por parte do consulente. O tema em pauta está demonstrado na Figura 4, a seguir:

Figura 4 – Definição de “signo linguístico” em Aulete (2006)

The screenshot shows the Aulete Digital dictionary interface. The search bar contains the word "signo". The main content area displays the definition of "signo" with the following entries:

- 1 Simbolo, marca, sinal. "O céu do luar nos céus revoltos" Cheios de signos de desgraça. (Cecília Méreles, "Agitado", in *Espectros*.)
- 2 **Astron.** Cada uma das doze partes em que se divide o zodíaco, ou as constelações que a elas correspondem. o signo de Leão de Touro
- 3 **Astrul.** Suposta influência atribuída a cada uma dessas constelações zodiacais na vida das pessoas
- 4 **Ling.** Associação de um significante e um significado (signo linguístico)
- 5 Qualquer coisa ou fenômeno que designe algo distinto de si mesmo ou us. em seu lugar, p. ex., um cigano atravessado por uma linha obliqua significa 'é proibido fumar', a cor verde no trânsito representa 'siga', a cruz simboliza o cristianismo.

Below the entries, there are sub-sections:

- Signo arbitrário**
 - 1 **Comun.** Signo associado a um significado, o qual representa, e o qual evoca com sua simples presença.
- Signo de duração**
 - 1 **Mus.** Cada sinal da notação musical que representa a duração de uma nota. São: breve, semibreve, mínima, colcheia, semicolcheia, fusa, semifusa.]
- Signo do zodíaco**
 - 1 **Astr.** Cada signo associado a cada uma das 12 regiões do Zodíaco em que se divide a eclíptica que o Sol aparentemente percorre durante um ano.
- Signo linguístico**
 - 1 **Ling.** Unidade de uma língua que compreende relação entre um significante (palavra, som da palavra, locução, sintagma etc.) e um significado.

A yellow arrow points to the "Signo linguístico" entry. The interface also includes a sidebar with a list of words, a top navigation bar, and a right sidebar with advertisements for "Ponto Frio" and "Lexikon".

Fonte: AULETE, 2006 [versão digital].

O último inventário analisado neste trabalho é a versão on-line do Dicionário

Michaelis (2007), disponível pela editora Melhoramentos em parceria com o provedor Universo On Line (UOL). A imagem da tela é apresentada em seguida:

Figura 5 – Definição de “signo linguístico” em Michaelis (2007)



Fonte: MICHAELIS, 2007 [versão on-line].

Nota-se que, na obra de Michaelis (2007), encontra-se o que se pode considerar como a mais distante, dentre as acepções analisadas, das definições apresentadas. Isso porque o dicionário traz a definição de **signo linguístico** no campo do real, o que, para a Linguística, é alheio, uma vez que o domínio linguístico se insere no campo das ideias.

Podemos concluir, assim, que, no universo pesquisado, as obras lexicográficas revelam certa carência e distanciamento em relação à área de especialidade em estudo, haja vista que, à exceção de Aulete (2006), observaram-se problemas e distorções em relação à definição do termo inserido em Linguística, como a que vemos em Dubois et al (2006) em seu **Dicionário de Linguística**:

[...] os signos linguísticos, essencialmente psíquicos, não são abstrações. O signo – ou unidade – linguístico é a entidade dupla, produto da aproximação de dois termos, ambos psíquicos e unidos pelo laço da associação. Une, com efeito, não uma coisa a um nome, mas um conceito a uma imagem acústica. (DUBOIS et al, 2006).

Assim sendo, mesmo se considerarmos que os dicionários gerais de língua portuguesa não têm por objetivo principal se reportar a termos específicos, como é o caso de **signo linguístico**, pertencente à Linguística, devem levar em conta os estudos de áreas específicas cujos termos estejam presentes em suas obras, como os terminológicos, neste caso, haja vista retratarem o repertório vocabular de uma língua viva da qual fazem parte termos técnicos como o presente neste texto e, dentre outras razões, serem vistos pelos seus usuários como verdadeiros depositários da norma linguística.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sendo o léxico um produto social e, tal como a sociedade que o utiliza, ter caráter dinâmico, as obras que o retratam por vezes não alcançam a amplitude dessa sua dinamicidade, como os dicionários aqui pesquisados. Nesse sentido, a Lexicografia orienta que a frequência de uso deve condicionar a seleção de itens que constarão dicionarizados.

Nesta pesquisa, ao analisarmos as acepções de **signo** no campo da **Linguística**, pudemos notar que Houaiss (2001), Ferreira (2004), Aulete (2006) e Michaelis (2007) apresentam particularidades em relação à dicionarização do termo: tanto no que diz respeito à própria acepção da palavra-termo quanto aos princípios que orientaram esta pesquisa.

Dessa forma, nota-se que a Terminologia e a Lexicografia têm muito a acrescentar uma à outra, tendo em vista que os termos, relativos àquela, encontram-se muitas vezes já incorporados no léxico geral, objeto desta, o que deve motivar uma melhor comunicação entre as áreas.

Além disso, percebe-se que as obras lexicográficas carecem ainda de certos parâmetros científicos para serem aplicados na seleção e na apresentação de sua macroestrutura, bem como de fontes mais fiéis para a recolha e seleção das acepções que comporão seus verbetes, como corpora de pesquisas científicas, por exemplo, o que aproximaria mais as definições ao sentido de fato em uso pela comunidade, como também

a consultoria de técnicos nas áreas de estudo que fornecem elementos para compor sua nomenclatura, de modo a abarcar, de maneira mais objetiva, os sentidos específicos dos termos inseridos em seus campos próprios de conhecimento.

Podemos então concluir que a ciência lexicográfica ratifica sua importância para além da academia, sendo essencial para que o fazer lexicográfico brasileiro alcance o *status* de excelência tão necessário. Assim, o dicionário, de fato, ocupará seu lugar mais importante, o de “[...] objeto cultural de suma importância nas sociedades contemporâneas, [...] uma das mais relevantes instituições da civilização moderna” (BIDERMAN, 2001, p. 17).

CONTRIBUTIONS TO THE LEXICON ANALYSIS: the “linguistic sign” term in general language dictionaries

ABSTRACT

*The lexicon is a cultural heritage of a society and it has importance beyond the linguistic studies. On this way, the lexicographical inventories reveal the life and the thinking of a given social group from the lexical record. In addition, it makes reflections about this societal knowledge on the technical and scientific reality that surrounds it. Thus, in order to verify the application of lexicography concepts in the production of dictionaries, this paper read back the meanings of **linguistic sign** in the works of Houaiss (2001), Ferreira (2004), Aulete (2006) and Michaelis (2007) and revealed that the lexicographical repertoire in question talks about the issue that deals with them from the different perspectives, confirming the importance of lexicography in studies to improve the dictionaries organization.*

Keywords: *General language dictionaries. Linguistic sign. Dictionaries organization.*

REFERÊNCIAS

ANDRADE, M. M. de. Conceito/definição em dicionários de língua geral e em dicionários de línguas de especialidades. In: CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOGIA, 4., 2000, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: CiFEFil, 2000. Cadernos do CNLF, Série IV, n. 10. (Semântica e Lexicografia). Disponível em: <http://www.filologia.org.br/anais/anais%20iv/civ10_21-32.html>. Acesso em: 30 abr. 2016.

AULETE, C. **Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Lexikon, 2006. Versão digital. Disponível em: <http://www.aulete.com.br/site.php?mdl=aulete_digital&op=o_que_e>. Acesso em: 30

COSTA, D. de S. S. Achegas para uma análise lexicográfica: o termo “signo linguístico” em dicionários gerais de língua. **Revista Primeira Escrita**, Aquidauana, n. 3, p. 22-35, dez. 2016.

abr. 2016.

BEVILACQUA, C. R.; FINATTO, M. J. B. Lexicografia e Terminografia: alguns contrapontos fundamentais. **Alfa**, São Paulo, v. 50, n. 2, p. 43-54, 2006.

BIDERMAN, M. T. de C. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, A. M. P. P. de; ISQUERDO, A. N. (Orgs). **As ciências do léxico**. Lexicologia, Lexicografia, Terminologia. 2. ed. Campo Grande: EDUFMS, 2001. p. 11-20.

BIDERMAN, M. T. de C. A ciência da Lexicografia. **Alfa**, Araraquara, v. 28 (supl.), p. 1-26, 1984.

BIDERMAN, M. T. de C. A estruturação mental do Léxico. In: **Estudos de filosofia e linguística**. São Paulo: T. A. Queiroz; São Paulo: EDUSP, 1981. p. 131-145.

BORBA, F. da S. **Organização de dicionários**: uma introdução à lexicografia. São Paulo: UNESP, 2003.

DUBOIS, J. et al. **Dicionário de Linguística**. São Paulo: Cultrix, 2006.

AZORÍN FERNÁNDEZ, D. La lexicografía como disciplina lingüística. In: MEDINA GUERRA, A. M. (Org.). **Lexicografía Española**. Barcelona: Ariel, 2003. p. 31-52.

FERREIRA, A. B. de H. **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. Curitiba: Positivo, 2004. Versão digital 5.0.

HAENSCH, G. et al. **La lexicografía**: de la lexicografía teórica a la lexicografía práctica. Madri: Gredos, 1982.

HOUAISS, A. **Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. Versão digital 1.0.

KRIEGER, M. da G. Tipologias de dicionários: registros de léxico, princípios e tecnologias. **Calidoscópico**, São Leopoldo, v. 4, n. 3, p. 141-147, set./dez. 2006.

KRIEGER, M. da G. Terminologia: uma entrevista com Maria da Graça Krieger. **ReVEL**, v. 9, n. 17, p. 443-452, 2011. Disponível em: <http://www.revel.inf.br/files/entrevistas/revel_17_entrevista_maria_graca_krieger.pdf>. Acesso em: 30 maio 2016.

KRIEGER, M. da G.; FINATTO, M. J. B. **Introdução à terminologia**. Teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2004.

LARA, L. F. **Teoría del diccionario monolingüe**. México: Centro de Estudios Lingüísticos e Literários, 1996.

MEDINA GUERRA, A. M. **Lexicografía española**. Barcelona: Ariel, 2003.

REY-DEBOVE, J. **Étude linguistique et sémiotique des dictionnaires français**

COSTA, D. de S. S. Achegas para uma análise lexicográfica: o termo “signo linguístico” em dicionários gerais de língua. **Revista Primeira Escrita**, Aquidauana, n. 3, p. 22-35, dez. 2016.

contemporains. Paris: Mouton, 1971.

WEISZFLOG, W. **Dicionário online Michaelis**. São Paulo: Melhoramentos, 2007. Versão on-line. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?typePag=creditos&languageText=portugues-portugues>>. Acesso em: 03 abr. 2016.

Recebido em: 31 maio 2016.

Avaliado em: 03 set. 2016.

Publicado em: 31 dez. 2016.

Como referenciar este artigo científico:

COSTA, Daniela de Souza Silva. Achegas para uma análise lexicográfica: o termo “signo linguístico” em dicionários gerais de língua. **Revista Primeira Escrita**, Aquidauana, n. 3, p. 22-35, dez. 2016.

COSTA, D. de S. S. Achegas para uma análise lexicográfica: o termo “signo linguístico” em dicionários gerais de língua. **Revista Primeira Escrita**, Aquidauana, n. 3, p. 22-35, dez. 2016.